

# A “Série Vovó”

*Dos cabeçalhos e da posição da filigrana*

*CASA DA MOEDA e sua cotação*

## 2ª PARTE DA CONTROVÉRSIA

Escrita pelo :  
**Sr. H. Flatau**

Sob o título “Sêlos do Brasil da chamada série vovó”, o Sr. M. de Oliveira Lima publicou um artigo que, certamente, foi estudado com interêsse por todos que tiveram oportunidade de o lêr.

O artigo do Sr. Lima é, antes de tudo, um relato cronológico das diversas tiragens da série “vovó” acompanhado de observações próprias para induzir os estudiosos da nossa filatelia a meditar e trazer a público suas conclusões.

Pedimos vênia para examinar, linhas abaixo, apenas três questões abordadas pelo Sr. M. de Oliveira Lima, em que a nossa opinião diverge da do ilustre colaborador. São estas: a interpretação dos cabeçalhos; das posições da filigrana CASA DA MOEDA, e a fórmula proposta para a cotação dos sêlos filigranados CASA DA MOEDA, provenientes de fôlhas de 100 e de 150 exemplares.

### **I — A interpretação dos cabeçalhos:**

Desde 1905 a Casa da Moeda faz imprimir nas margens ou nos cabeçalhos das fôlhas dos sêlos tipografados, indicações de suma importância para o colecionador. As legendas mais importantes impressas nas margens dos sêlos tipografados, a partir de 1918, são os números de ordem e as datas das respectivas emissões. O ano

de emissão, impresso nos cabeçalhos, é interpretado por muitos filatelistas como data de emissão dos selos. Nada mais errado do que esta interpretação, pois o ano de emissão indicado refere-se exclusivamente à emissão da ordem de impressão, juntamente com o respectivo número. O número de ordem e o ano de impressão são consignados pela Casa da Moeda como indicação de seus serviços internos, pois ela, absolutamente, não imite selos: tal função é privativa do Correio. Uma ordem de impressão dada pela Casa da Moeda nem sempre é executada no mesmo ano da emissão. Como aconteceu com certos valores da série de 1918, cujas ordens (N.º 501, 502, 503 e 504) foram "emitidas", isto é, expedidas em 22 de dezembro de 1917.

É palpável que estas ordens não puderam ser executadas nos 6 ou 7 dias úteis que faltaram para completar o ano de 1917, depois da expedição das ordens citadas. É pois, fora de dúvida que os selos da série 1918-1920 não puderam entrar em circulação em 1917. Apenas em fevereiro de 1918 começaram a ser vendidos alguns valores desta série, como podem atestar seus contemporâneos.

Temos, aliás, na "série vovó", cabeçalhos bastante mais interessantes que ilustram bem a nossa afirmação. Um exemplo a destacar, é o da ordem N.º 216, de 29 de abril, para a impressão de selos de 50 réis. O selo desta taxa em uso, naquela época, foi o verde, tipo "Indústria", que foi então impresso com o número de ordem citado, nos papéis usados em 1921: sem filigrana liso opaco, médio; médio pergaminado; e filigrana "Casa da Moeda".

Ac terminar o ano de 1921, a ordem N.º 216 não havia sido integralmente executada, pois encontramos o mesmo selo de 50 réis verde em papel gomado, macio, fortemente tramado (o papel usado para o selo de 80 réis) que foi oficialmente adotado para a impressão de selos postais em 6 de junho de 1922 (Portaria N.º 33). Um edital de 27 de julho de 1922 determinou a mudança da cor do selo de 50 réis, de verde para castanho, e a ordem N.º 216 de 29 de abril de 1921 ainda não estava completa, pois existe, na coleção do dr. Elisiário Bahiana, um cabeçalho do selo de 50 réis, castanho com o N.º de ordem 216 e "Emissão de 1921".

Há diversos outros cabeçalhos, comuns a sêlos diferentes, que bem determinam o significado dos seus dizeres. Citamos sòmente mais um exemplo: o sêlo de 200 réis "Fé e Energia", de 1933. Êste sêlo foi, pela primeira vez, emitido em 1933 em côr carmim com a ordem N.º 402. Por determinação do Correio, a côr dêste sêlo foi mudada para lilás, e isto antes de ser executada integralmente a ordem, que foi completada então por sêlos da mesma taxa, na nova côr (lilás).

Pelo exposto é evidente que os números de ordem e os anos de emissão, impressos nos cabeçalhos, a despeito de serem elementos valiosíssimos para o estudo da "série vovó", nem sempre são suficientes para indicar a posição certa das peças que os trazem, no labirinto das emissões posteriores a 1918. É de máxima importância conhecermos, pelo menos, as datas do início e o fim de impressão das diversas ordens e, possivelmente, as das diversas tiragens de cada ordem para que não sejamos levados a elaborar em êrro.

## II — As posições da filigrana "CASA DA MOEDA"

Desejamos, inicialmente, retificar um engano ocorrido ao Sr. M. de Oliveira Lima, no seu interessante artigo: Os valôres de 100, 1\$000, 2\$000 e 5\$000, estampados em papel espesso filigranado CASA DA MOEDA, foram emitidos em maio de 1920, juntamente com os sêlos de 10 a 500 réis tipografados em papel espesso, liso, sem filigrana. Não compreendemos porque os catálogos, embora às vêzes com indicação da data da emissão, insistiam em classificar os primeiros sêlos gravados da "série vovó" juntamente com a série tipografada, impressa em 1921 sôbre papel médio filigranado, que é inconfundível com o papel usado para os sêlos gravados. A nosso vêr, êste proceder têm a sua origem na demasiada preocupação de querer formar séries tomando por base elementos colhidos a esmo, arbitrariamente, prejudicando a fidelidade da catalogação, sem vantagem alguma.

A mudança da posição da filigrana, de horizontal para vertical, se tornou normal por ocasião da adaptação de fôlhas de 150 sêlos, em 1926. Existem, porém, tiragens de diversos valores em papel

filigranado CASA DA MOEDA feitas em 1925-1926, cuja filigrana se apresenta indiscriminadamente em posição horizontal e vertical. Estas tiragens, já mencionadas no "Manual Kohl", foram feitas em folhas de 100 sêlos e aparecem com os mesmos números de ordem e nas mesmas tonalidades de côres dos sêlos impressos em papel filigranado ESTRÊLAS e CASA DA MOEDA. Quando se apresentam com filigrana vertical, êstes sêlos podem ser fàcilmente distinguidos dos similares, provenientes de folhas de 150, pelos denteados, conforme tivemos oportunidade de mencionar em nosso trabalho:

"Os picotes da Série Vovó", publicado no N.º 2 do "Boletim Filatélico Bandeirante" (Dezembro 1941). Quando os sêlos se apresentam sem filigrana horizontal, deve-se recorrer a elementos de classificação que à primeira vista parecem menos objetivos, porém, um pouco de prática permite precisar estas peças com absoluta certeza.

O papel de 1925 distingue-se do usado em 1921-1922 por ser mais poroso e branco, com trama bastante mais pronunciada.

A goma do papel de 1925-1926 também é branca, enquanto a de 1921-22 é sempre mais ou menos amarelada. Além do papel e a goma, podemos nos guiar para a classificação de certos valores sem risco de errar, pelas nuances de côr. Os sêlos de 20 e 300 réis de 1921-22 são de côr oliva, enquanto os de 1925-26 são de côr cinza. O sêlo de 20 réis de 1921-22, aliás, não é conhecido com filigrana nem tampouco o de 40 réis. O sêlo de 100 réis de 1925-26 se distingue bem dos seus antecessores de 1921-22, pela sua côr laranja avermelhada. É recomendável aos que se iniciam no estudo destas tiragens, comparar as nuances dos sêlos filigranados CASA DA MOEDA, com os impressos em papel sem filigrana que sempre são anteriores a 1924 e os filigranados ESTRÊLAS e CASA DA MOEDA, impressos depois de 1924. Assim procedendo, terão em muitos casos grande facilidade para a classificação precisa das diversas tiragens.

O Sr. M. de Oliveira Lima menciona um sêlo de 150 réis com filigrana CASA DA MOEDA vertical. Tal peça não é conhecida em

São Paulo e não encontramos explicação para sua existência. Esta taxa foi impressa exclusivamente em 1921, e tinha sido abolida 3 anos antes de ser usado o papel filigranado, cujo formato permitiu a impressão em ambos os sentidos.

### III — A cotação dos sêlos filigranados "CASA DA MOEDA"

As cotações, dadas aos sêlos da "série vovó" pelos atuais catálogos, são, sem dúvida, fadados a uma revisão total que poucos vestígios deixará dos atuais preços. Isto é lógico, pois só agora, depois de substituída, há possibilidade de se estudar, livre de surpresas por parte da Casa da Moeda, a "série vovó" e só agora se pode começar a observar um dos elementos essenciais para estabelecer cotações: a procura.

Tôda sugestão sôbre a cotação dos sêlos da "série vovó" merece ser estudada com o maior interêsse. Também a do Sr. M. de Oliveira Lima que propõe, para a cotação dos sêlos filigranados CASA DA MOEDA uma fórmula interessante com a qual não podemos, porém, concordar. O fato de sabermos quais os sêlos impressos em fôlhas de 100 e quais em fôlhas de 150 não nos parece suficiente para estabelecer uma relação de preços entre os mesmos, pois, para fazer tal, é necessário conhecer, além de outros elementos, a quantidade total impressa e conservada das diversas tiragens, nada importando o tamanho das fôlhas. Estabelecer estas comparações quantitativas, nos parece uma das tarefas mais difíceis impostas aos estudiosos e editores de catálogos. E, porém, uma tarefa que deve ser executada antes de que o vasto material, que ainda eventualmente encontramos, desapareça ou se torne inacessível. Antes, porém, de nos preocuparmos a fundo com a cotação dos sêlos da "série vovó", devemos obter uma classificação a mais correta possível, da qual nos parece que nem temos ainda alicerces.

**Nota da Redação:** Este artigo foi escrito no ano de 1942 e publicado no "Boletim Filatélico Bandeirante", N.º 3. Nos catálogos de hoje a parte de classificação da "série vovó" ocupa não menos de nove páginas. Aparentemente os editores dos catálogos trabalharam bastante para justificar as cotações hoje em vigor.